

O LEGADO DOS MAU-TEMPO: HOMENS E MULHERES LEVANTADOS DO CHÃO

Juliana Garcia Santos da Silva

José Luis Jobim de Salles Fonseca

Doutoranda

RESUMO: O trabalho proposto pretende explorar o modo como José Saramago, em *Levantado do chão* (1980), configura as personagens que constituem o núcleo da família Mau-Tempo e atribui significado às mesmas na medida em que as concede voz, transformando-as em indivíduos agentes de sua história, num processo gradativo de reconhecimento de sua humanidade e do papel que exercem em sociedade. Por assim dizer, objetiva-se repercutir o caráter representativo de homens e mulheres diegéticos que, em dada circunstância, são modificados pela tomada de consciência que os ergue do chão da opressão, da condição alienante e vexatória proveniente de relações trabalhistas precárias, a contrapelo de uma ordem que tende a asfixiá-las. Tal abordagem vai ao encontro de um projeto maior, que visa à discussão da competência transgressora e revolucionária do romance em questão, em relação à elaboração de um discurso contrário aos princípios (pré-)capitalistas, e a um padrão pré-estabelecido de escrita. Em prol de cumprir com o sugerido, conta-se, pois, com as contribuições de Friedrich Engels e suas perspectivas acerca da família, da propriedade e do estado; de Eric Hobsbawm, a propósito do mundo e da mentalidade burguesa; de Augusto Santos Silva, por relevar o caráter político empenhado por Saramago; e de Antonio Candido no que diz respeito ao estudo em torno da personagem do Romance.

PALAVRAS-CHAVE: Personagens, indivíduos agentes, caráter representativo, competência transgressora e revolucionária.

Introdução

Com a origem dos Estados, do instituto da propriedade e da prática de comercialização dos bens (agrícolas ou não), a disputa por territórios e ideais movidos pelo interesse em acumular capital são superestimados, ampliando as áreas de influência e incentivando a conquista não só de terras exploráveis, mas também de mão de obra barata –

senão escrava – e mercado consumidor. Conforme a vida é regida por causas capitalistas, assiste-se ao suplantar dos ideais de civilização pelos valores mercantilistas, que fazem do “eu” civilizado um sujeito individualista e ganancioso, pendente à sobreposição do “outro” numa busca desenfreada pelo poder e pelo lucro. O capitalismo faz, pois, desaparecer a velha noção de bem comum ou comunidade, maximizando o interesse exclusivo do indivíduo que, na ocasião, demonstra-se suscetível ao regime em questão, assumindo, mesmo que não diretamente, sua responsabilidade pela desigualdade social.

Segundo Eric Hobsbawm (2004), quando o mundo burguês surgiu com seu pensamento econômico, político e social voltado para subsidiar a ideia de que somente os “mais capazes” sobreviveriam, sendo sua “capacitação” comprovada não apenas por sua sobrevivência, mas também por sua dominação, a maior parte da população mundial tornou-se vítima daqueles cuja superioridade econômica, militar e tecnológica era incontestável. Governado pelo dinheiro e pela vontade de poder, o homem passa a financiar a desigualdade e a reificação de seus pares, evidência essa sugerida já nas primeiras páginas de *Levantado do chão*:

De cada vez, sabemos, foi o homem comprado e vendido. Cada século teve o seu dinheiro, cada reino o seu homem para comprar por morabitinos, marcos de ouro e prata, reais, dobras, cruzados, réis e dobrões, e florins de fora. Volátil metal vário, aéreo com o espírito da flor ou o espírito do vinho: o dinheiro sobe, só para subir tem asas, não para descer. O lugar do dinheiro é um céu, um alto lugar onde os santos mudam de nome quando vem a ter de ser, mas o latifúndio não. (SARAMAGO, 1980, p. 13)

Vestido por um tom agudo e por um distanciamento crítico, o narrador saramaguiano introduz seu contar com uma declaração de caráter histórico acerca do homem tratado como mercadoria, frente à presença e à influência marcante do dinheiro no decorrer do tempo e das sociedades vigentes. O dinheiro é ressaltado não só por sua capacidade de seduzir e render o ser humano, mas também pela posição de destaque que ocupa e faz ocupar aqueles que o detêm. Ao mencionar que o lugar do dinheiro corresponde ao céu e que o do latifúndio não, José Saramago tende, então, a enfatizar que, no caso do cenário dessa narrativa, o valor dedicado ao dinheiro resultará em uma atmosfera infernal ou bárbara que submeterá seus personagens ao sofrimento ante a miséria típica de uma organização – a do latifúndio – que prioriza o ganho material e individual, em detrimento do bem-estar coletivo.

Sob a égide de uma sociedade dividida em exploradores e explorados, sendo os primeiros os donos do latifúndio, identificados na ficção por nomes com o morfema “berto”, e os segundos, – alvos deste trabalho – representados pelos trabalhadores rurais, *Levantado do chão* evidencia indivíduos que projetam valores que substanciam a noção de humanidade e denunciam as desigualdades sociais, conforme veremos mais adiante. Por assim dizer, a ficção leva-nos à indagação quase microscópica da natureza e do funcionamento de sistemas de poder que rasuraram a presença de sujeitos concretos na medida em que expuseram os antagonismos de classes e o protagonismo daquela que se fez dominante.

A saga dos Mau-Tempo rumo à humanização

Durante a leitura de *Levantado do chão* nota-se uma narrativa povoada de sujeitos abandonados à própria sorte, inferiormente situados na hierarquia regida pelas leis do latifúndio e despojados de sua cidadania desde o nascimento, já que sequer foram registrados legalmente. Logo de saída é questionada a existência dessa gente classificada como “solta” e “miúda”, colocada à margem da prosperidade concedida pela propriedade rural privada, já que esta beneficia apenas os bem nascidos. “E esta outra gente quem é, solta e miúda, que veio com a terra, embora não registrada na escritura, almas mortas ou ainda vivas?” (SARAMAGO, 1980, p.14) O peso da colocação “almas mortas ou ainda vivas?” colabora para promover o estado de abatimento inerente a esse povo sofrido e cansado que vive para multiplicar a terra alheia, a mesma que o submete e o aliena. Tal circunstância é repercutida a partir da precariedade dos Mau-Tempo, que sofrem com uma vida de privações:

Pela cancela do quintal, Domingos Mau-Tempo fez entrar o burro e a carroça e começou a descarregar a mobília, a metê-la para dentro de casa, sem arrumar, até que a mulher pôde ir ajudá-lo. O enxergão estava molhado de um lado. A água entrara na arca da roupa, a mesa da cozinha tinha uma perna partida. Mas havia uma panela ao lume com umas folhas de couve e uns bagos de arroz, o menino tornara a mamar e adormecera no lado seco do enxergão. Domingos Mau-Tempo foi ao quintal para uma necessidade. (SARAMAGO, 1980, p. 22)

Os elementos humanos que compõem o universo ficcional em destaque tendem a projetar posturas e valores palpáveis, e a corporificar o compromisso social da obra com os esquecidos pela história oficial, melhor dizendo, com a gente miúda que passa despercebida

pela vida. Contudo, Saramago não as cria para simplesmente reafirmar a condição de ignoradas, já que apesar da conjuntura indigna a que são lançadas, representam resistência e o suplantar da força que almeja resigná-las. As mulheres, por exemplo, embora pertençam a um núcleo familiar inicialmente constituído como um organismo social baseado na conjunção de integrantes submetidos a um homem-chefe, aos moldes do conceito de família lembrado por Engels em *A origem, da propriedade e do Estado*, são designadas pela capacidade de encabeçar uma luta, e pela obstinação, o que as faz, inclusive, superar a doutrina patriarcal que as rodeia, contrariando perspectivas reacionárias acerca do papel da mulher. Então, tomando como base a dinastia dos Mau-Tempo e as lutas empenhadas pelos camponeses, incluindo aquelas dedicadas a superar a miséria que se impõe diariamente, Saramago releva a voz dos humilhados e dos desconhecidos, metamorfoseados pela sucessiva tomada de consciência em razão da recuperação da dignidade escamoteada pelo sistema. À exceção dos demais, Domingos Mau-Tempo, interpreta uma subjetividade problemática na medida em que se mostra em conflito consigo mesmo, descontando suas frustrações e seu desespero em Sara da Conceição, sua esposa, até um dia libertar-se por meio do suicídio. Domingos equivale ao estereótipo de um indivíduo fracassado, perdido e desajustado, entregue à bebedeira e rejeitado pela sociedade, que por não saber lidar com o sentimento de desajuste e de rejeição, tende à errância que o faz ser intitulado como “maltês”.

Em seu texto *O escritor exorta os seus concidadãos (ou o discurso político da ficção de Saramago)*, Augusto Santos Silva observa que José Saramago, através de seus romances, dirige aos leitores a recolocação da palavra “humanidade” na história, e no caso de *Levantado do chão* o faz atribuindo o protagonismo a uma entidade coletiva, grupo ou classe social, resgatando-os da sombra do esquecimento condicionado pela baixa posição na hierarquia das posses e dos privilégios. E porque não há humanidade sem mulheres – afirma Augusto Santos – é que o romancista procede à (re)integração das mesmas, erguendo-as como heroínas, tal como se portou Sara da Conceição depois que acionada em seu instinto materno e de sobrevivência, como podemos conferir nos fragmentos abaixo:

E não foi uma nem duas vezes que Sara da Conceição, tendo deixado o filho na vizinha, se meteu dentro da noite à procura do marido, rebufando as lágrimas no lenço e na escuridão, de taberna em taberna, que em São Cristóvão não eram muitas, mas de mais, e sem entrar, de largo buscava com os olhos, e se o marido estava, ali se punha na sombra, apenas à espera, como outra sombra. (SARAMAGO, 1980, p. 27)

Quando Sara da Conceição ouviu dizer que o marido tornara a aparecer em Cortiçadas, arrebanhou os filhos que consigo viviam e, pouco segurada proteção do pai Carranca, recolheu João de caminho e foi esconder-se em casa de uns parentes Picanços que eram moleiros num sítio arredado da povoação meia légua, chamado Ponte Cava. (SARMAGO, 1980, p. 47)

No primeiro excerto, o leitor se depara com uma Sara da Conceição subserviente, fragilizada, presa à situação do casamento e sobrecarregada com as obrigações de sua condição de mulher e casada, tal qual a sociedade predeterminou. Enfim, uma Sara tornada “sombra”. Todavia, um traço de força perpassa a cena, se olharmos de maneira aguçada para a persistência da esposa em encontrar seu marido, vagando pela noite escura e por ambientes impróprios à sua natureza, mesmo que essa busca tenha como desfecho a violência doméstica de que por vezes foi vítima. Já no segundo, e daí por diante, a personagem revela-se autônoma, determinada a salvar seus filhos e a si mesma da cólera de seu marido. Imbuída de ânimo e coragem rumo ao recomeçar de sua vida, Sara da Conceição passa a figurar o poder da liberdade marcando presença na narrativa.

Não menos importante, e bastante presente, foi Faustina Mau-Tempo, que entregou sua sorte a João e, desde então, demonstrou-se esposa e parceira de todas as horas, sacrificando-se em nome de sua família e mantendo-se incansável ante o sistema que perseguiu, prendeu e taxouseu marido com o título de perigoso. Apesar das muitas lágrimas derramadas, resultantes de sua apurada sensibilidade somada à angústia do momento, da necessidade de conter sua dor pelo afastamento de seu amado, e da designação “pobre” (de coitada ou de miserável) a ela dedicada pelo narrador, Faustina pelejava para ver João Mau-Tempo e se colocava com firmeza em busca de respostas, enfrentando o sistema:

[...] a pobre Faustina Mau-Tempo lutava para entrar, é aqui que está o meu marido, perguntava ela, que se chama João Mau-Tempo, e o da porta jocosos, respondia, Não está cá essa pessoa que a senhora procura, e outro achincalhou, Então veio dar o seu marido à prisão, são entretenimentos, esta gente tem uma vida monótona, nem sequer batem nos presos, outros são os que batem, mas Faustina Mau-Tempo não distingue, Está, sim senhor, vocês é que o trouxeram para cá, pois tem de aqui estar, [...] Tem razão, está aí, na sala seis, mas já não pode visitá-lo, passou a hora da visita. Tem Faustina Mau-Tempo o direito a este ataque de choro. [...] Cale-se lá, mulher, vou ver se é possível abrir uma exceção, [...] (SARMAGO, 1980, p. 258)

Outra mulher que também rompeu as barreiras sociais e as do preconceito foi Gracinda Mau-Tempo, que, sempre interessada em aprender e tomar parte dos

acontecimentos, reivindicava sua integração efetiva no movimento de luta em prol dos direitos dos trabalhadores: “[...] Manuel, eu vou contigo, e Manuel Espada, apesar de ser quem é, julgou que a mulher estava a brincar e respondeu, responderam pela boca dele sabe-se lá quantas vozes de manueís, Isto não é coisa para mulheres, [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 310-311) A forte personalidade de Gracinda percorre a ficção exalando a tenacidade que a faz insistir em participar do protesto. Além de Gracinda, Faustina e Sara, outras mulheres e esposas – se não como companheiras, como atuantes – são postas em relevo no decorrer da luta por dias mais justos, seja dentro de suas próprias casas, seja marchando em praça pública. Vê-se que Saramago não as oculta ou as silencia, ao contrário, as traz para a luz: “Na ficção de Saramago, as mulheres têm presença e têm poder – mas o poder da liberdade, o poder que liberta, que leva à ação, que desperta a revolta, o poder da tenacidade. Do querer, do romper e reconstruir, do germinar e renascer.” (SILVA, 2005, p. 15)

Entretanto, não só de mulheres fortes e determinadas se fez *Levantado do chão*. Os homens também estão significativamente representados na ficção, a começar pelo personagem João Mau-Tempo que com a morte de seu pai Domingos tornou-se o chefe de sua família, precisando abandonar os estudos logo cedo e sacrificar sua infância no trabalho com a terra para ajudar a manter a casa que dividia com seus parentes:

Agora João Mau-Tempo é o homem da casa, o mais velho. Morgado sem morgadio, dono de coisa nenhuma, pequena é a sombra que faz no chão. [...] Sara da Conceição lhe disse, Meu filho, por esmola me deram trabalho para ti, para ganhares alguma coisita, pois a vida é uma carestia e não temos donde nos venha. E João Mau-Tempo, sabedor da vida, pergunta, Vou cavar, minha mãe. Sara da Conceição, pudesse ela, diria, Não vais, meu filho, tens só dez anos, não é trabalho para uma criança, mas que há-de ela fazer se neste latifúndio não sobram outros modos de viver e o ofício do pai defunto é mal-assombrado. (SARAMAGO, 1980, p. 51)

João Mau-Tempo representa tantas outras crianças que face à precariedade de suas vidas e às privações sofridas não têm outra escolha senão trabalhar. Consciente de sua realidade, ele envereda pelo caminho da lida, se afastando das letras que um dia o iluminaram, engrossando a cruel estatística que diz serem muitos os pobres e ignorantes que sobrevivem do/para o trabalho. E embora tenha sido lançado pelas circunstâncias a uma rotina miserável e degradante, João torna-se um jovem instituído de anseios que parecem impulsioná-lo e tirá-lo, mesmo que por alguns instantes, da realidade ao derredor:

Quando João Mau-Tempo finca a enxada na terra, lembra-se do capote, dos bailes, das namoradas mais a sério ou mais a brincar, e esquece a mágoa de ali viver, preso àquele chão, tão longe de Lisboa, se a tanto alguma vez se atreveu a aspirar, se não foi tudo sonho de mocidade, que para isso a temos, para sonhar. (SARAMAGO, 1980, p. 63)

Lisboa aparece idealizada em seus sonhos de garoto-homem, como apareceu para muitos, pelo que representava: modernidade e palco de oportunidades, dando forma a um suposto mundo novo, contrário à vida amarga daquelas terras. A verossimilhança da história do personagem com a de homens concretos fadados precocemente ao trabalho braçal é viabilizada, e ao passo que João reage diante das injustiças sociais testemunhadas e sentidas, desenvolvendo uma postura de enfrentamento, o princípio esperança e a vontade de reação são despertados, como quando, mais tarde na narrativa, defende seu filho António ao saber que estava sendo explorado e humilhado pelo capataz:

Ao chegar a hora das queixas, António Mau-Tempo vai ter o pai a defendê-lo, Não bata no rapaz, que eu sei tudo quanto se passa, vocemecê põe-se por lá a torrar pinhões, a conversar com quem encontra, e ele é que tem de ser o cão, correr e cercar tudo, o rapaz não é carocha para lhe pôr o pé em cima. (SARAMAGO, 1980, p. 89)

O personagem João não toma para si apenas as dores do filho, mas de toda a sua gente sofrida e pisada pelo sistema. De consciência individual ele passa a simbolizar a consciência coletiva, aprendendo a levantar-se do chão, configurando um tipo de sujeito que, se libertando das algemas da alienação, demonstra-se capaz de libertar a humanidade inteira. A propósito, menciona Augusto Santos Silva, aqui já referenciado, que a ficção de Saramago dá-nos a ver vários modos de ação. A exemplo, o teórico realça que o agir coletivo de *Levantado do chão* é independentemente dos trajetos de vida individual, familiar e dos processos de maturação, revelação ou ruptura que os informam, tendo como fator determinante a organização e a mobilização de um coletivo que, a partir de determinado ponto da narrativa, ilustra a consciência de si próprio e de suas possibilidades, enxergando, enfim, uma oportunidade de *ser*.

Delineado em função do coletivo, moldado pela vontade de superação e pelo sentimento de resistência, João Mau-Tempo assume a liderança dos movimentos de greve: “Agora faz-se o que estava combinado, juntamo-nos na praça, se a guarda aparecer a querer armar questões vai cada um para sua casa, e amanhã tornamos ao trabalho, oito horas

enregamos, como hoje, [...]” (SARAMAGO, 1980, p. 339) João Mau-Tempo e as demais personagens de *Levantado do chão*, cada qual à sua maneira, constituem um meio de acesso aos problemas enfrentados pelos trabalhadores de Alentejo e de outros campos, coisificados por absurdas e precárias rotinas de trabalho, somadas à ausência de direitos trabalhistas e salários dignos que se quer atendem às necessidades básicas desses sujeitos, fazendo-os acumular dívidas, para não morrerem de fome, e a se sentirem humilhados:

Por estas ruas andou João Mau-Tempo a curtira vergonha de dever e não poder pagar, com sua mulher Faustina chorando de miséria e tristeza desgarrada, e agora é ele quem vai de loja em loja a dizer o recado, e quando é mal recebido, faz de conta que não sente, o padecer tornou-lhe rija a pele, a necessidade que o leva não é apenas sua, [...] (SARAMAGO, 1980, p. 340)

Outra personalidade que deixa sua marca na saga contada por *Levantado do chão*, é António Mau-Tempo, que mesmo herdeiro da errância do avô Domingos, não nega as qualidades sustentadas por seu pai João, e tampouco se afasta da luta por melhores condições de trabalho. Sendo assim, é destacado por representar um sujeito determinado, corajoso e adepto à causa dos invisíveis do latifúndio. Sua maturidade e habilidade para elaborar discursos são sublinhadas e aproveitadas para convocar os cidadãos ao manifesto e conduzir os grevistas à formação de uma unidade resistente, porém pacífica:

[...] Camaradas, daqui ninguém arreda pé, e outra voz, do lado oposto, Podem disparar, e então nem sei como aquilo foi, ainda hoje me dá vontade de chorar, toda a parada gritou, era um desafio, Podem disparar, estou que não iriam fazer fogo contra nós, mas se o fizessem, sei que tínhamos ficado ali todos, é que foi a nossa vitória, (SARAMAGO, 1980, p. 227)

Companheiro de João e de António Mau-Tempo, Manuel Espada aparece na ficção hasteando um caráter e propósitos bem definidos e semelhantes ao de seus camaradas. Sua autonomia e seu orgulho voltados a defender sua honra de trabalhador humilde e digno serão edificados no decorrer de sua descrição, bem como sua postura de não se curvar à necessidade ou a seus algozes, comportamento notado e admirado, inclusive, por aqueles que seriam seus sogros:

O Manuel Espada é um bom rapaz, dizia Faustina, e João Mau-Tempo punha-se a olhar para o genro futuro e via-o andando de Montemor para Monte Lavre, a pé, desprezando carros e carretas, só para levar avante a sua opinião, não ficar a dever favor a gente que lhe tinha recusado o pão para a boca. (SARAMAGO, 1980, p. 191)

Em *A Personagem de Ficção*, Antonio Candido menciona que o enredo existe através das personagens, e que enredo e personagem exprimem, juntos, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e os valores que o animam. Dessa forma, pensar nos indivíduos que se movimentam em *Levantado do chão* é também refletir sobre os propósitos do romance que, na ocasião, demonstram-se correlacionados ao desvelar do que alicerça a sociedade de princípios (pré)capitalistas e à predisposição da mesma para desenvolver-se apoiada na desigualdade social, na luta de classes e na vantagem adquirida com o aproveitamento da força de trabalho, sem olhar para os que se sacrificam e perdem no decorrer desse processo.

Considerações finais

Investindo na (des)construção de personagens caracterizados pela humildade e dependentes do trabalho que subvertem a ordem estabelecida porquanto reivindicam seus espaços e direitos, Saramago assinala o processo de humanização necessário para o protagonismo historiográfico das classes menos favorecidas, revelando uma matriz marxista e, portanto, condizente a uma preocupação social significativa. E porque a ficção é um lugar ontológico privilegiado, como bem salienta Antonio Candido, eis que as personagens vão proporcionar ao leitor a oportunidade de viver e contemplar a plenitude da condição humana, tendo em vista que, ao recuperarem a versão de sociedade injusta e desigual convenientemente lançada ao esquecimento, oferecem outra perspectiva que não aquela oferecida pelos representantes da memória oficial, incitando a lucidez necessária para a capacidade de avaliar a sua própria situação, enquanto ser social.

Assim sendo, os Mau-Tempo (esposas, maridos, filhos e genro) dão outra interpretação aos que há muito foram taxados como “pobres coitados” ou dominados e/ou lançados à margem, subvertendo tal perspectiva reducionista: “[...] menos do que os outros não seremos, porque somos tanto.” (SARAMAGO, 1980, p. 356). Por meio dessas subjetividades tão marcantes, representadas por homens e mulheres de sucessivas gerações que rompem as amarras da ignorância e da servidão cega que os tentam manter presos ao chão, Saramago tece seu discurso em prol da renovação do olhar sobre essa gente anônima a quem ele atribui corpo, alma e voz. Como legado, os Mau-Tempo apontam para uma geração



Bom-Tempo, porquanto propiciaram a esperança e a libertação de um sistema opressor propenso a apagá-los da memória coletiva.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio et al. (org.). *A personagem de ficção*. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade e do Estado*. 3ª ed. Lisboa: Editora Presença, 1976.

HOBBSBAWM, Eric J. *A era do capital*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

SILVA, Augusto Santos. “O escritor exorta seus concidadãos (ou o discurso político da ficção de Saramago)”. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro. *Literatura/Política/Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 13-56.